

A arqueologia da paisagem como instrumento de conhecimento do território

Rosa da Silva Marcolin¹

RESUMO: A Arqueologia da Paisagem afirma-se enquanto instrumento gerador do conhecimento subjacente às intervenções qualificadoras do território. A abordagem eclética e multidisciplinar que caracteriza a disciplina, resulta da definição do seu objecto de estudo - a *paisagem* - enquanto resultado da interacção do homem com o meio. O conhecimento produzido neste âmbito, vai ao encontro das problemáticas emergentes no seio das sociedades actuais, contribuindo nomeadamente, para a gestão sustentável dos recursos, a fruição e preservação do património natural e cultural.

Inserido numa estratégia de desenvolvimento, assente na promoção das valências turísticas do território, o parque arqueológico mineiro de San Silvestro apresenta-se como exemplo da articulação a promover entre os âmbitos da investigação científica, do planeamento do território e da arquitectura.

PALAVRAS-CHAVE Paisagem; Arqueologia da Paisagem; Parques arqueológicos; Ordenamento do território.

ABSTRACT: Landscape archaeology is presented as a means to generate the knowledge necessary to qualify the territory. Diversity and integration are characteristic of the discipline's approach, thus reflecting the actual definition of *Landscape* as the result of the interaction between man and nature. The Knowledge which is produced regarding the subject, should be applied in benefit of society, thus contributing towards the sustainable management of resources, recreation, and the preservation of both natural and cultural heritage.

Resulting from a particular strategy of development, based on the promotion of the lands turistic potential, San Silvestro's archeomineral park is presented as an example of ideal articulation between scientific research, territorial planning and architecture.

1. INTRODUÇÃO

Per governare, ancor più che per tutelare, occorre però conoscere, perchè per tutelare basta conoscere il presente, la situazione che si vuole mantenere. Per governare,

¹ Aluna do Mestrado em Arqueologia da Universidade do Minho. E-mail: rbmarcolin@gmail.com.

*invece, non basta conoscere la situazione in sè, ma i meccanismi che l'hanno prodotta e che la modificherano, perchè sono questi meccanismi che vanno controllati. Leggere la storia complessiva di un territorio analizzando le interrelazioni tra i vari elementi che entrano in campo nella formazione del paesaggio (...) è l'unico modo per acquisire quelle conoscenze indispensabili per un corretto governo, e quindi un corretto sviluppo, del paesaggio.*²

A presente comunicação versa sobre o tema da Arqueologia da Paisagem, enquanto instrumento gerador do conhecimento subjacente às intervenções qualificadoras do território. A nossa abordagem incidirá, não tanto sobre as questões específicas da Arqueologia, mas sobre a forma como o âmbito disciplinar se presta a diferentes tipos de articulação com as disciplinas propositivas, nomeadamente com o projecto e o planeamento do território.

É nossa convicção que, em se tratando de paisagem³, intervenções de qualidade e eficácia resultam, necessariamente, de uma compreensão abrangente e integrada das realidades existentes. Realidades essas, que se concebem como o resultado de uma sucessão de estratos de intervenção humana, condicionada pelas características do meio físico, e se assumem, por sua vez, como condicionante da transformação desse mesmo meio⁴. Assim sendo, intervir no território, implicaria, antes de mais, conhecê-lo, conhecer os elementos físicos que o integram, sejam eles pedra, água, flora, fauna, ou edificação humana⁵; conhecer os processos de transformação a que cada elemento foi sendo sujeito ao longo do tempo, por si só e em conjunto com os demais⁶. Semelhante conhecimento permitirá não apenas compreender as paisagens do passado, mas também apontar as linhas evolutivas que regerão a construção expectável das paisagens do futuro. É esta faceta *prospectiva* do processo que interessa a quem planeia o desenvolvimento o território, a quem projecta os seus espaços.

2. ARQUEOLOGIA DA PAISAGEM: OBJECTO, METODOLOGIA E OBJECTIVOS

A Arqueologia da Paisagem constitui um sector da investigação arqueológica que procura compreender os processos de transformação dos assentamentos humanos no espaço e no tempo⁷. Trata-se de uma temática de definição muito recente, cuja gestação integra contributos filiados nas várias tendências intervenientes no debate disciplinar dos últimos

² (FRANCESCHELLI & MARABINI, 2007: 8)

³ Remete-se para a definição de paisagem que consta do Artigo 1º da Convenção Europeia da Paisagem, assinada em Florença a 20 de Outubro de 2000, transposta para a legislação nacional através do Decreto 4/2005 de 14 de Fevereiro.

⁴ (BARTOLOTTI, 1996:134)

⁵ (LEVEAU, 2006:14-15)

⁶ (BARTOLOTTI, 1996: 132)

⁷ (OREJAS, 1991: 210)

cem anos, reflectindo sucessivas aproximações a âmbitos científicos distintos, das ciências da terra, às ciências sociais.⁸ Do percurso descrito, resulta uma tomada de consciência, relativamente à estrita interdependência dos processos naturais e antrópicos envolvidos na formação da Paisagem, assumindo-se, na actualidade, que a inter-relação do homem com o meio⁹ constitui o denominador comum de uma investigação multifacetada, resultante da integração disciplinar promovida no seio de cada uma das correntes que contribuem para a afirmação da disciplina.

No Reino Unido, a afirmação da Arqueologia da Paisagem assenta numa tradição de abordagens ecológicas, recaindo a tónica da investigação sobre o estudo do meio¹⁰. A análise deste é feita a diferentes escalas, por forma a focar cada um dos seus aspectos distintivos: das características climáticas, à geomorfologia, à hidrografia, ao coberto vegetal, à fauna. Associa-se a este filão de pesquisa, o estudo do meio enquanto recurso, centrado na apropriação feita pelas comunidades, patente nos assentamentos e nas bacias de exploração. A sucessiva integração dos dois filões promove, de facto, o conhecimento diacrónico das relações do homem com o meio. Não obstante, mantém-se a premissa do primado do meio, assumindo-se que este último desempenha, desde sempre, um papel determinante no desenvolvimento humano e social e que a capacidade do homem para intervir e alterar as condições naturais se afirma apenas em épocas recentes. A postura descrita confere grande protagonismo à reconstituição dos paleoambientes, promovendo o desenvolvimento integrado das várias formas de análise arqueológica acima descritas, actualmente reunidas num âmbito próprio: a Arqueologia Ambiental¹¹.

Contrariamente a quanto sucede no caso britânico, em França, são os âmbitos disciplinares da geografia e da história que concorrem para a afirmação da Arqueologia da Paisagem¹². Os estudos levados a cabo, centrados na evolução do espaço rural, assentavam fundamentalmente na interpretação das fontes documentais¹³, condicionando a visão do investigador, na medida em que versam essencialmente sobre as realizações do homem, enquanto descrição da sua obra, das suas posses, dos seus direitos, afectos e crenças. Actualmente, o contexto francês desenvolve-se em torno de duas abordagens que se contrapõem: a abordagem morfológica, representada pela *archéomorphologie*, e a abordagem naturalista, representada pela *géomorphologie*.¹⁴

A *archéomorphologie* parte do pressuposto que a forma da paisagem resulta da estratificação dos sistemas de ocupação no tempo, sendo que tais sistemas reflectem os

⁸ (OREJAS, 1991: 191)

⁹ (OREJAS, 1991: 212)

¹⁰ (OREJAS, 1991: 200-201)

¹¹ (OREJAS, 1991: 207)

¹² (OREJAS, 1991: 200-201)

¹³ (LEVEAU, 2006: 9)

¹⁴ (LEVEAU, 2006: 9, 21)

vínculos estabelecidos com o meio envolvente. A morfologia de um determinado contexto espacial reflectiria, por conseguinte, a estrutura formal do meio físico, representada pela orografia e, sobretudo, pela rede hidrográfica; reflecte ainda as formas da ocupação humana, patentes nas redes de povoamento, no padrão cadastral, na organização dos elementos construídos para a exploração e transformação dos recursos agrícolas, mineiros, marítimos e fluviais.¹⁵ O estudo morfológico conduz-se a várias escalas, articulando-se os contextos espaciais em função da problemática em análise.

A *géochéologie* foca-se essencialmente na reconstituição dos paleoambientes, integrando uma abordagem analítica, centrada nas componentes da paisagem, e uma abordagem dinâmica, que considera os processos intervenientes na sua formação¹⁶. A abordagem analítica considera a paisagem como realidade sistémica, que integra as componente geológica, biológica e humana. O estudo e caracterização do meio decorre, por conseguinte, da recolha, identificação e análise integrada dos geofactos, ecofactos e artefactos aí depositados¹⁷. A abordagem dinâmica assenta, por sua vez, no reconhecimento do contributo da mobilidade do meio físico para a definição dos ambientes que determinam a actividade humana. Há muito conhecidas no âmbito das ciências da terra e da natureza, as dinâmicas de formação do meio físico consideravam-se imperceptíveis à escala temporal da história do homem, revelando-se inconsequentes ao nível do condicionamento da sua actividade¹⁸. Com o advento da geocronologia, essa prática vê-se progressivamente arredada dos meios de investigação, cedendo o lugar ao estudo da realidade sedimentar, cuja datação se faz, agora, com recurso às técnicas isotópicas de datação¹⁹. Considerando o quanto a actividade antrópica contribui para a definição das coberturas sedimentares, intervindo ao nível do coberto vegetal, da escorrência dos solos, da capacidade de acumulação e transporte da rede hidrográfica, verifica-se, de facto, que entre as abordagens descritas, esta é aquela que melhor aprofunda a interacção do homem com o meio, indagando, não só quanto às condicionantes decorrentes das características do meio físico, mas também, quanto aos efeitos da actividade humana sobre este último²⁰.

Não obstante a diversidade das abordagens, as várias correntes partilham, na essência, de um mesmo objecto de estudo - a *paisagem*. Em passado, ainda que os investigadores das diferentes áreas disciplinares utilizassem o termo, referiam-se, de facto, a algo muito distinto da realidade complexa, sistémica e evolutiva, cujo estudo empreendemos²¹. De facto, o consenso recente em torno da definição do conceito de *paisagem*, afigura-se-nos como o

¹⁵ (LEVEAU, 2006: 12)

¹⁶ (LEVEAU, 2006: 14-15)

¹⁷ (LEVEAU, 2006:14-15)

¹⁸ (LEVEAU, 2006:15)

¹⁹ (LEVEAU, 2006:16)

²⁰ (LEVEAU, 2006: 16)

²¹ (OREJAS, 1991:192-196)

resultado natural de um processo de integração disciplinar bem conseguido, o que nos remete para a questão da definição metodológica da disciplina.

A Arqueologia da Paisagem, enquanto disciplina arqueológica, recolhe, analisa e interpreta, com base no método estratigráfico, testemunhos materiais, *factos*, que permitem comprovar o entendimento que se vai construindo do território. Entendimento esse, que se pretende simultaneamente sincrónico e diacrónico, conjugando as múltiplas leituras dos eventos com o perfil evolutivo da realidade em estudo²². Em passado, a tónica da investigação recaía sobre o artefacto - objecto, edifício, cidade. Actualmente, a abrangência e complexidade do nosso objecto de estudo obrigam a que se considerem indistintamente o artefacto, o geofacto - rocha, sedimento -, o ecofacto - semente, pólen, carvão, osso -, obrigando a que o arqueólogo articule a sua investigação com aquela do geólogo, do biólogo, do paleontólogo, do antropólogo²³. Consideram-se ainda as fontes indirectas - documentação, literatura, iconografia, cartografia - cujo estudo competia tradicionalmente ao âmbito disciplinar da história²⁴. Os dados emergentes relacionam-se e interpretam-se sob diferentes perspectivas, a diferentes escalas. A abordagem é eclética e multidisciplinar, promovendo-se a construção de um sistema integrado de conhecimento.

A definição do âmbito disciplinar passa ainda pela assunção de um corpo próprio de objectivos, que é testemunho, à semelhança do próprio conceito de *paisagem*, da conjuntura social, cultural e científica da actualidade. Este reflecte, de forma inequívoca uma aproximação da investigação às problemáticas emergentes no seio das sociedades, focando questões ligadas à gestão do espaço, à exploração dos recursos e à sustentação das actividades, à preservação das identidades e à democratização da cultura, à fruição do património natural e cultural e à sua transmissão às gerações futuras²⁵. Verifica-se assim, que se varcam domínios tradicionalmente afectos ao ordenamento do território, sendo inevitável a convergência das intervenções.

3. O PARQUE ARQUEOLÓGICO MINEIRO DE SAN SILVESTRO

«Una vera indagine archeologica non investe soltanto gli adetti ai lavori, ma interessa complessivamente la politica del territorio e fuori dalla materia urbanistica non può esistere alcuna politica in difesa o per la valorizzazione della risorsa archeologica. In questo contesto quindi non si può immaginare di eseguire uno scavo archeologico, che non sia di mero salvataggio, senza avere predisposto o comunque previsto di realizzare un progetto. Senza la cultura del progetto qualsiasi intervento archeologico

²² (BARTOLOTTI, 1996: 132)

²³ (BARTOLOTTI, 1996:134)

²⁴ (OREJAS,1991: 213-214)

²⁵ (BARTOLOTTI, 1996: 134; Leveau, 2006: 17-18; Orejas, 1991: 191-192, 224)

pianificato è un non senso. E questo vuol dire che non può esistere una tutela esercitata da corpi estranei a chi gestisce il territorio nella sua complessità»²⁶

O parque arqueológico mineiro de San Silvestro afigura-se-nos como caso de estudo paradigmático, seja ao nível do processo de definição do objecto da intervenção, respectivos objectivos e metodologias, seja no que se refere à articulação promovida entre o âmbito da investigação e a administração do território. A intervenção insere-se no sistema de parques da Vale do Cornia, projecto vencedor da edição de 2008/2009 do Prémio da Paisagem do Conselho da Europa.²⁷

O parque integra-se no território municipal de Campiglia Marittima, situado na costa toscana, junto ao cabo de Piombino, fronteiro à Ilha de Elba. Posicionado na transição entre o sistema colinar do Antiapenino toscano e as planícies aluviais da zona costeira, este território apresenta características distintivas, resultantes, tanto da composição e da dinâmica de transformação do suporte físico, quanto da intervenção humana. (Fig.1)

²⁶ (FRANCOVICH, 1997: 47)

²⁷ Artigo 11º da Convenção Europeia da Paisagem, assinada em Florença a 20 de Outubro de 2000, transposta para a legislação nacional através do Decreto 4/2005 de 14 de Fevereiro



Fig. 1 - Localização do Parque Arqueológico de San Silvestro no contexto do vale do rio Cornia e das Collinas *Metallifere*. *Vicariato di Campiglia composto delle Civili Giurisdizioni di Campiglia e di Guardistallo, Sec. XVIII*²⁸.

As colinas, denominadas *Metallifere* distinguem-se pela abundância e diversidade das jazidas minerais. A existência de semelhantes recursos terá contribuído, de forma

²⁸ Obtido de <http://www.imago.tusciae.it/index N.html?id=605>, acessado em 17/04/2013.

determinante, para a distribuição e o desenvolvimento dos núcleos de ocupação, da época etrusca até finais do século passado²⁹. (Fig. 2)



Fig. 2 - A ocupação humana nas *Montagne Metallifere*: Campiglia Marittima e Rocca San Sivestro³⁰.

A conformação da zona costeira constitui, também ela, um factor de diferenciação. Originalmente, uma barreira de lagos, lagunas e pântanos dispunha-se paralelamente à costa, em correspondência da foz dos principais cursos de água, oriundos dos Antiapeninos (Fig.1). As extensões de água estagnada não só subtraíam área de cultivo e pasto às planícies férteis da orla costeira, como representavam uma ameaça à saúde das populações, constituindo um obstáculo de vulto ao desenvolvimento continuado das actividades locais. O acesso privilegiado ao mar, constitui um ulterior factor determinante para o estabelecimento da base económica das comunidades. Já em época etrusca, a ligação à Ilha de Elba e à Córsega se encontrava assegurada através do Canal de Piombino, resultando daqui a exploração integrada dos núcleos insulares e continentais de mineração e de metalurgia e, por arrasto, o desenvolvimento da actividade portuária³¹. A cidade etrusca e romana da Populónia emerge do contexto descrito, à semelhança de quanto sucede com Piombino, povoado fortificado medieval que sucede a Populónia e que evoluirá ao longo dos séculos até dar origem à cidade, porto e polo industrial siderúrgico da contemporaneidade³². (Fig. 3)

²⁹ Obtido de <http://www.parchivaldicornia.it/parco.php?codex=ssil-spd>, acedido em 11/04/2013.

³⁰ Obtido de http://www.naturamediterraneo.com/forum/pop_printer_friendly.asp?TOPIC_ID=188825, acedido em 1/11/2013.

³¹ Obtido de <http://www.parchivaldicornia.it/parco.php?codex=bart-str>, acedido em 1/05/2013.

³² Obtido de <http://it.wikipedia.org/wiki/Piombino>, acedido em 1/05/2013.



Fig. 3 - Cidade, Porto e Polo Siderurgico de Piombino. Google Earth, 2013.

O processo de conhecimento arqueológico, subjacente à constituição do parque arqueológico mineiro, encontra-se ligado, desde a sua origem, às estratégias de desenvolvimento económico sustentável adoptadas pelos municípios, cujos territórios integram o vale do rio Cornia.

Até meados da década de setenta do século passado, o desenvolvimento local apoiou-se, de forma quase exclusiva, na indústria siderúrgica e na especulação imobiliária. Estas actividades permitiram assegurar a ocupação da população activa e, com ela, o desafogo económico. Não obstante, a promoção de uma ocupação desregrada e massiva do território, acompanhada da exploração intensiva dos recursos naturais, veio a comprometer a qualidade do ambiente, afectando a vivência das comunidades e a própria base de sustentação da economia local³³. Cientes da riqueza do próprio património e das oportunidades de valorização inerentes a uma promoção integrada, os cinco municípios optaram por um processo de planeamento coordenado, que apostou na qualificação do território conjunto, mediante a salvaguarda dos recursos naturais e históricos que o distinguem³⁴. Entre 1975 e 1980 deram início à elaboração dos primeiros *piani regolatori coordinati*³⁵, definindo-se, logo nesse âmbito, um sistema de parques territoriais - os parques da *Val di Cornia* - composto por áreas arqueológicas, bosques de interesse científico e valências paisagísticas, bem como áreas costeiras dotadas dos indícios dos antigos pântanos e lagoas da foz do Cornia. (Fig. 4) A administração local antecipava assim, operações urbanísticas futuras, impondo vínculos e servidões administrativos nas zonas, cuja tutela e valorização

³³ Obtido de:

http://www.guadalteba.com/empleoypatrimonioural/images/stories/file/interes/parchi_cornia.pdf,
acedido em 1/05/2013.

³⁴ Obtido de <http://www.isprambiente.gov.it/files/geoparchi/il-progetto-di-tutela-3-cornia.pdf>,
acedido em 1/05/2013.

³⁵ A figura do *Piano Regolatore Municipale*, afecta ao planeamento italiano, equivale, para os efeitos descritos, ao Plano Director Municipal, empregue no contexto nacional. Os *piani regolatori coordinati* seriam, por conseguinte, planos de âmbito inter-municipal que definem em traços largos o ordenamento e as condicionantes impostas ao território.

considerava determinante para a qualificação do território e para a preservação da memória colectiva³⁶. A partir de 1980, empreende-se a fase operativa do processo de planeamento, coincidente com a elaboração dos *piani particolareggiati*³⁷ dos parques, tendo-se procedido em seguida à aquisição pública do respectivo património.³⁸ O processo de planeamento descrito decorreu num clima de abundância, de confiança e de consenso social, propício ao investimento público na qualificação do território. Todavia, a reestruturação tecnológica despoletada pela crise europeia do mercado do aço, na década de oitenta, levou a uma perda substancial de postos de trabalho na indústria local, pondo em causa o modelo de desenvolvimento económico vigente. O sistema de parques da Val di Cornia afirma-se, neste contexto, como uma intervenção estratégica para uma reconversão da economia local, assente na promoção do sector turístico³⁹. Impunha-se então, a par da tutela imposta pelos instrumentos urbanísticos, um processo concertado de valorização dos bens culturais e ambientais, pautado por requisitos sociais e económicos bem precisos. Com esse intento, os municípios da Vale do Cornia promoveram a constituição de uma sociedade mista de capitais públicos e privados - a Parchi Val di Cornia S.p.A. - responsável pela realização dos parques, assim como pela gestão integrada dos respectivos serviços e actividades. O carácter empresarial da iniciativa reflecte-se, ao nível da definição dos objectivos do projecto, estipulando-se medidas que visam, desde a compensação dos resultados económicos gerados através da prestação dos serviços culturais e da gestão das estruturas dos serviços turísticos, ao aumento do fluxo turístico no território e, consequentemente, à criação, directa e indirecta, de ulteriores oportunidades de emprego⁴⁰. Os objectivos do projecto contemplam, ainda, a promoção da compreensão da paisagem e a difusão do conhecimento produzido, junto de um público não especializado. A investigação científica, enquanto actividade geradora de conteúdos, considera-se premissa indispensável à estruturação dos programas

³⁶ Obtido de:

http://www.guadalteba.com/empleoypatrimonioural/images/stories/file/interes/parchi_cornia.pdf,
acedido em 1/05/2013. Remete-se para a pag. 2 do documento.

³⁷ A figura do *Piano Particolareggiato*, afecta ao planeamento italiano, equivale, para os efeitos descritos, ao Plano de Pormenor, empregue no contexto nacional. Note-se, porém, que em Portugal, o processo de planeamento conducente à definição dos parques, nomeadamente dos parques arqueológicos, é distinto daquele italiano, não se prevendo uma fase operativa de competência da administração local.

³⁸ Obtido de <http://www.isprambiente.gov.it/files/geoparchi/il-progetto-di-tutela-3-cornia.pdf>,
acedido em 1/05/2013.

³⁹ Obtido de:

http://www.guadalteba.com/empleoypatrimonioural/images/stories/file/interes/parchi_cornia.pdf,
acedido em 7/05/2013. Remete-se para a pag. 3 do documento.

⁴⁰ Obtido de:

http://www.guadalteba.com/empleoypatrimonioural/images/stories/file/interes/parchi_cornia.pdf,
acedido em 7/05/2013. Remete-se para as pags. 3-4 do documento.

de sensibilização e difusão de conhecimento, obrigando, desde logo, ao envolvimento das universidades e do próprio Ministero per i Beni e le Attività Culturali⁴¹.

É neste contexto que a Universidade de Siena é chamada a participar no projecto. Desde 1984, o grupo ligado ao ensino de Arqueologia Medieval, coordenado por Riccardo Francovich, conduzia sucessivas campanhas de escavação na Rocca de San Silvestro, fortaleza medieval ligada à exploração mineira da área⁴². (Fig. 4)

Pretendia-se então compreender a realidade da exploração mineira e do trabalho metalúrgico, nas suas vertentes tecnológica e social⁴³. Ciente de que a história das vicissitudes do povoado estaria intimamente ligada à vivência das populações, a equipa promove o alargamento do âmbito da investigação, vindo esta a compreender, para além do estudo das estruturas edificadas e dos objectos, o estudo dos habitantes: quantos eram, a que se dedicavam, em que condições viviam, de que padeciam. A escavação do cemitério constituiu assim uma primeira frente de trabalho interdisciplinar, contando-se aqui, com a colaboração de um grupo de antropólogos da Universidade de Toronto. Estes ficaram responsáveis pela obtenção de dados demográficos e pela condução de análises paleopatológicas sobre os restos mortais, representativos das sucessivas gerações de habitantes⁴⁴.

⁴¹ Obtido de:

http://www.guadalteba.com/empleoypatrimonioural/images/stories/file/interes/parchi_cornia.pdf,
acedido em 7/05/2013. Remete-se para a pag. 5 do documento.

⁴² (FRANCOVICH, 1997: 46)

⁴³ (FRANCOVICH, 1997: 47)

⁴⁴ (FRANCOVICH, 1997: 47)

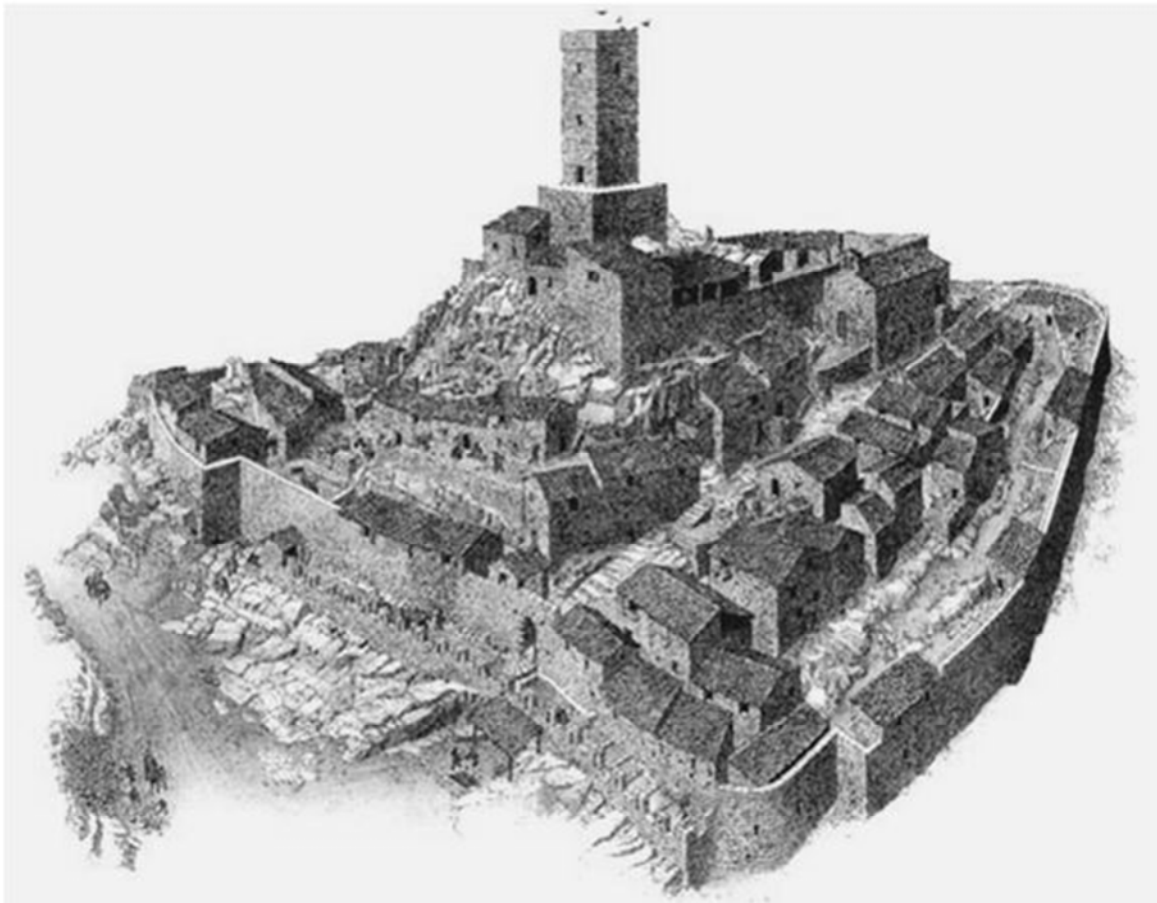


Fig. 4 - Vista axonométrica do burgo de Rocca San Silvestro.⁴⁵ Ilustração de P. Donati.

A par da escavação do povoado, foram ainda conduzidas campanhas de prospecção em todo o território de Campiglia Marítima, com especial incidência nas colinas, ditas *Metaliffere*. Identificaram-se assim os núcleos de povoamento disperso e as áreas de mineração⁴⁶, estruturas cuja formação no tempo longo era por mais evidente, resultando difícil e redutora a compreensão do tipo, extensão e funcionamento, exclusivamente em época medieval. A exploração mineira, ora era feita à superfície, ora era feita através da abertura de poços e galerias, podendo a cultivação de um mesmo veio atravessar épocas distintas. (Fig. 5) A ocupação humana dependia essencialmente da distribuição dos recursos, pelo que só conhecendo as explorações em curso, em determinado momento, era possível compreender a estrutura de povoamento correspondente.

Os requisitos da análise e interpretação de uma e outra realidade, para além de promoverem a adopção de abordagens diacrónicas, foram responsáveis pela abertura de novas frentes de investigação interdisciplinar. O levantamento e caracterização de cerca de 30 minas pré-industriais implicou a colaboração de um grupo de espeleólogos do Museu de

⁴⁵ Imagem retirada de (FRANCOVICH, 1997: 46)

⁴⁶ (FRANCOVICH, 1997: 47)

Ciências Naturais de Livorno.⁴⁷ Simultaneamente, as campanhas de levantamento do coberto vegetal, indispensáveis à compreensão da evolução da distribuição dos recursos alimentares e combustíveis, decorreu com o apoio de botânicos⁴⁸.

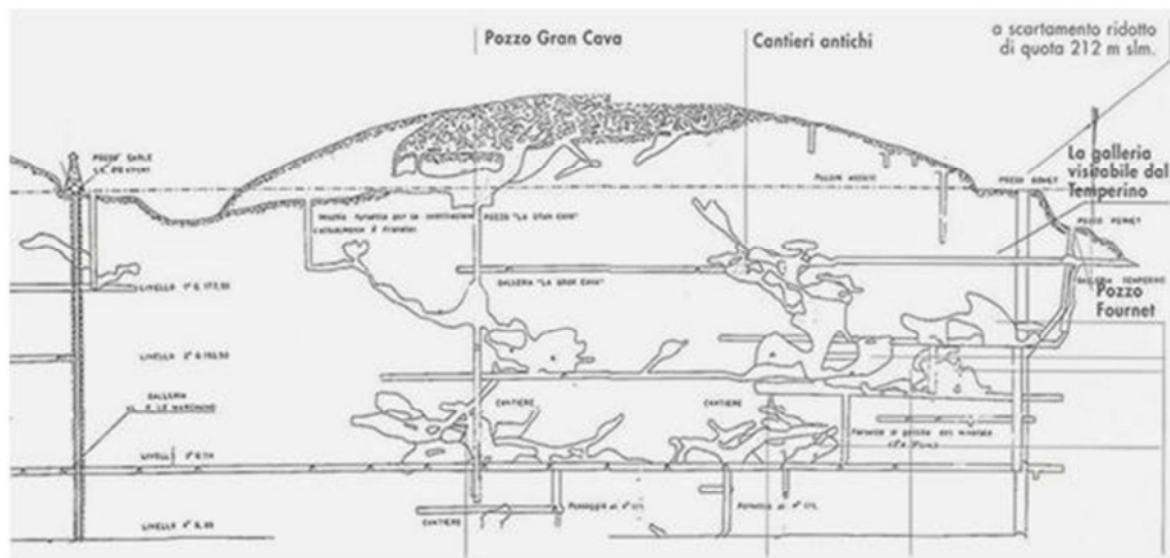


Fig. 5 - O subsolo do Parque arqueológico mineiro de san Silvestro no século passado⁴⁹.

Logo em 1989, surge a oportunidade de integrar a multiplicidade de estudos realizados no âmbito da intervenção arqueológica, num único projecto de tutela e valorização do património local. O parque arqueológico mineiro de San Silvestro assume-se como âncora do sistema de parques da *Val di Cornia*, liderando o respectivo processo de planeamento, projecto e construção⁵⁰. As linhas gerais do projecto serão definidas em conjunto pelo arqueólogo Riccardo Francovich, pelo arquitecto Lorenzo Greppi e pelo arquitecto paisagista Jamie Buchanan, sendo que ao primeiro competiu a identificação das áreas de interesse arqueológico e mineralário; ao segundo, a avaliação do potencial de reconversão do edificado; ao terceiro, a elaboração do *Masterplan* do parque⁵¹ (Fig. 6).

⁴⁷ (FRANCOVICH, 1997: 47)

⁴⁸ (FRANCOVICH, 1997: 47)

⁴⁹ Obtido de <http://www.wvmm.org/storie/zoom.asp?trad=&id=1484>, acedido em 1/11/2013.

⁵⁰ (FRANCOVICH, 1997: 48)

⁵¹ (FRANCOVICH, 1997: 48)

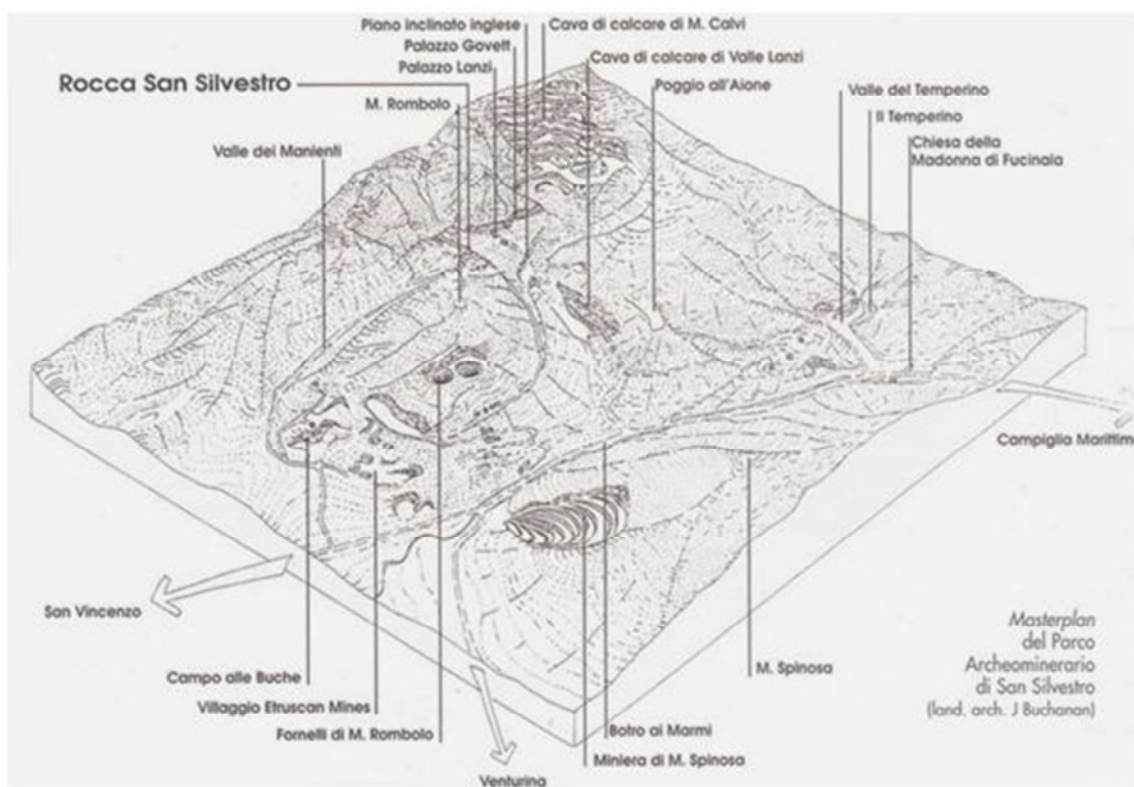


Fig. 6 - Masterplan do Parco archeominerario di Campiglia Marittima, Rocca San Silvestro⁵². Land. arch. J. Buchanan.

Os diferentes objectos da investigação arqueológica, encontraram plena representação no âmbito do projecto expositivo. O alargamento das fronteiras espaciais, cronológicas e temáticas daquela, teve como consequência a criação de ulteriores recursos patrimoniais, cuja integração, conferiu ao projecto ulterior riqueza e diversidade, contribuindo para o incremento das respectivas valências lúdicas e didáticas⁵³. A *rocca* manteve-se enquanto sítio arqueológico representativo, sendo sujeita a intervenções de manutenção e consolidamento estrutural sem, contudo, sofrer qualquer reconversão funcional. (Fig. 7) Consideraram-se ainda, uma série de estruturas edificadas que remontavam a épocas posteriores e cujo testemunho concorre para representar a evolução da ocupação do território até ao momento de cessação da exploração mineira.

⁵² Imagem retirada de (FRANCOVICH, 1997: 47)

⁵³ (FRANCOVICH, 1997: 48)



Fig. 7 - Musealização do burgo de *Rocca San Silvestro*⁵⁴. Fotografia de Jamie Buchanan.

O projecto previa o restauro e conversão da *Villa Lanzi*⁵⁵ em centro de documentação dos parques da *Val di Cornia*, e do *Palazzo Gowett*⁵⁶, em pousada da juventude. Via-se assim delineada uma estratégia de distribuição dos serviços de apoio aos parques, pelas estruturas residenciais e administrativas do passado, fazendo coincidir os polos de musealização, com as minas e respectivas estruturas de apoio ao funcionamento. A visita ao sub-solo seria feita através de duas galerias, que atravessam o parque, na diagonal, situando-se os principais espaços expositivos junto das respectivas entradas: o museu da arqueologia e dos minerais viria a ocupar um edifício de 1900, destinado originalmente à produção de energia, enquanto o museu das máquinas de mineração coincidiria com o edifício de apoio ao único poço de extracção existente, e que albergava ainda a maquinaria responsável pelo descida dos mineiros (Fig. 8).

⁵⁴ Fotografia obtida de: http://www.jamiebuchananlandscape.com/?page_id=6, acedido em 1/11/2013.

⁵⁵ A *Villa* é construída no Século XVI, por ordem de Cosimo I De Medici, para albergar mineiros especializados, vindos da Alemanha, com o propósito de resolver problemas ligados às impurezas do minério. Problemas esses, cuja resolução provará ser impossível para a capacidade tecnológica da época, ditando um novo abandono das minas.

⁵⁶ Palazzo Gowett data dos primeiros anos do século passado, tendo servido como sede da administração da exploração mineira, então nas mãos de cidadãos britânicos.



Fig. 8 - Museu das máquinas de mineração - polo de Pozzo Earle⁵⁷. Fotografia de Simone Cammilli.

A ferrovia, enquanto elemento fundamental da exploração oito e noventa, foi objecto, também ela, de uma proposta de reconversão. Assumida como meio de transporte, que garante a acessibilidade controlada ao sub-solo, manter-se-ia em uso na galeria de maior extensão.⁵⁸ (Fig. 9)



Fig. 9 - Galeria Lanzi - Temperino⁵⁹. Fotografia de P. Biondi.

⁵⁷ Fotografia obtida de: <http://www.minube.it/foto/posto-preferito/60181/299351>, acessido em 1/11/2013

⁵⁸ Obtido de: <http://www.parchivaldicornia.it/parco.php?codex=ssil-ved>, acessido em 5/11/2013.

⁵⁹ Fotografia obtida de:

http://www.tuscanywalkingfestival.it/Media/Images/7/parco_di_san_silvestro_galleria_lanzi_temperino_foto_p.biondi.jpg, acessido em 1/11/2013.

As áreas de musealização do parque foram integradas, por meio de percursos *archeo-minerários*, cuja caracterização reflecte, também ela, o processo de investigação existente a montante. Interessava promover o entendimento diacrónico, pelo que se assumiram traçados que decalcavam canais existentes - caminhos pedestres, velhas vias de transporte de minério, linhas ferroviárias desactivadas - garantindo assim, o atravessamento de áreas significativas do ponto de vista da exploração levada a cabo nas várias épocas. Interessava ainda, alertar para as características ambientais do território, em particular o seu potencial geo-minerário, e evidenciar a forma como a ocupação humana constitui o reflexo dessas mesmas características, pelo que se privilegiou o atravessamento de zonas representativas do ponto de vista do coberto vegetal, onde simultaneamente, permanecem expostos os indícios da exploração mineira - as bocas das minas, os restos dos poços de extracção, depósitos de escória - e da extracção do mármore.⁶⁰ (Fig. 10)



Fig. 10 - Percorso archeominerário: boca de uma mina⁶¹.

4. NOTAS CONCLUSIVAS

O projecto do parque arqueológico mineiro de San Silvestro apresenta-se como obra paradigmática, cujo sucesso decorre da integração de dois âmbitos, tradicionalmente considerados inconciliáveis: o âmbito da investigação e o âmbito do projecto. Contrariando o entendimento de *velhos* arqueólogos, afirma que o processo de conhecimento científico do território pode e deve reger-se por objectivos de cariz social e económico; contrariando o entendimento de *velhos* arquitectos, demonstra que o processo de planeamento e a

⁶⁰ Obtido de: <http://www.parchivaldicornia.it/parco.php?codex=ssil-ved>, acedido em 1/11/ 2013.

⁶¹ Fotografia obtida de: <http://www.parchivaldicornia.it/pvcuser/parco/wp-content/gallery/oo-single/Foto-2-geologia-2.jpg>, acedido em 1/11/2013.

actividade projectual podem e devem reconhecer protagonismo à produção alheia de conteúdos científicos, legado hermético, mudo e inexpressivo das sociedades, cuja apropriação depende exclusivamente das competências interpretativas e expressivas da disciplina

Bibliografia

- BARTOLOTTI, Susanna, (1996) - *Archeologia del Paesaggio: Archeologia della complessità*. «A-Letheia», 7. Florença: Alinea Editrice.
- Convenção Europeia da Paisagem, assinada em Florença a 20 de Outubro de 2000, transposta para a legislação nacional através do Decreto 4/2005 de 14 de Fevereiro.
- FRANCESCHELLI, Carlotta; MARABINI, Stefano (2007) - *Lettura di un territorio sepolto. La pianura lughese in età romana*. Bolonha: Ante Quem.
- FRANCOVICH, Riccardo, (1997) - *Dal progetto di ricerca al parco. Il caso del Parco Archeo-minerario di Campiglia Marittima*. «A-Letheia», 8. Florença: Alinea Editrice.
- LEVEAU, Philippe (2006) - *L'archeologie du paysage et l'antiquité classique*. «Agri Centuriati», nº 2. Istituti Editoriale e Poligrafici Internazionali, Pisa · Roma.
- OREJAS, Almudena (1991) - *Arqueología del paisaje: historia, problemas e perspectivas*. «AEspA», 64.